



UNICAMP

EVENTO: Meredith Monk  
Festival de Campos do Jordão  
 VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO  
 DATA: 13 de julho de 1994  
 PÁGINA: 1ª  
 SEÇÃO: ILUSTRADA



Juca Varela/Folha Imagem

A compositora Meredith Monk, antontem, em São Paulo

# Meredith Monk quer o pop bem longe dela

**LUÍS ANTÔNIO GIRON**

Da Reportagem Local

A cantora, compositora, cineasta e pianista norte-americana Meredith Monk, 48, contempla nuvens em Campos do Jordão (175 quilômetros a nordeste de São Paulo) desde anteontem.

Esse é o método confesso de uma das mais persistentes artistas experimentais contemporâneas.

“Busco inspiração relaxando em contato com a natureza”, diz em entrevista à **Folha**, em São Paulo, pouco antes de viajar à serra, onde se apresenta com voz e

piano na quinta-feira no Festival de Inverno de Campos do Jordão.

Na sexta, Meredith faz um workshop para bolsistas do festival e canta em São Paulo. Chegou tarde. Houvesse desembarcado no Brasil no início dos anos 80, teria sido tratada como estrela.

Quase está esquecida pelo público de pop. Tem 30 anos de carreira, 13 discos lançados e uma produção que atinge os 80 opus. É do tempo em que MTV, Sinéad O'Connor e seus agudos não existiam, o minimalismo era moda e pop experimental, um adereço chique da new wave.

Meredith foi uma das fundadoras da performance nos anos 60. Sem ela, a multimídia Laurie Anderson não teria de onde partir.

Se a música repetitiva e tonal de Meredith se confundia com a de Philip Glass nos 80, hoje pode ser chamada de pop, new age, ou qualquer outra tarja de mercado. Mas ela quer evitar classificação. “Faço música para mim mesma”, diz. “Mudei muito pouco ao longo de três décadas. Não tenho a ver com pop nem com minimalismo. Meu som é individualista.”

**LEIA MAIS**

Sobre Meredith Monk à pág. 5-3